



1

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal de Montalegre, realizada no dia 25 de abril de 2024

No dia vinte e cinco de abril do ano de dois mil e vinte e quatro, pelas dez horas, nesta vila de Montalegre, no Salão Nobre dos Paços do Município, realizou-se a primeira sessão ordinária da Assembleia Municipal de Montalegre, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1- Evocação dos 50 anos do 25 de Abril

Além da Senhora Presidente da Câmara Municipal, Maria de Fátima Pereira Fernandes Alves, e da Senhora Vice-Presidente da Câmara Municipal, Ana Isabel Dias, estiveram presentes os Vereadores Jorge Carneiro Morais Fidalgo, Manuel António Fernandes, José Rodrigues, Sandra Sousa e Fernando Capela.

Verificando-se a ausência, na presente sessão, do Senhor Presidente da Assembleia Municipal em exercício, Fernando Rodrigues, foi autorizado pela Assembleia, a designação da deputada Maria Júlia da Costa Verde Gonçalves Barroso para integrar a Mesa, na qualidade de segunda Secretária.

Face à autorização acima indicada, foi designada, pelo Presidente da Assembleia Municipal para integrar a Mesa da Assembleia, como 2º Secretário, a deputada Maria Júlia da Costa Verde Gonçalves Barroso.

Registando-se quórum, o Senhor Presidente da Assembleia em exercício declarou aberta a sessão dando palavra aos representantes dos partidos com assento na Assembleia.

O representante do Partido Socialista João Soares entregou o seguinte documento à Mesa: "Senhoras e Senhores: Hoje é dia de Festa: Cantam as nossas almas! Ao vinte e cinco de abril uma salva de palmas!

Sim, 25 de abril é festa, a festa da liberdade!

25 de Abril é data escrita, a letras douradas na História recente deste "Nobre Povo", desta "Nação Valente e imortal"!

Hoje, Portugal celebra a sua libertação das amarras da Ditadura. 25 de abril é o dia que põe termo a um "Portugal Amordaçado", estigmatizado pela censura e impiedosamente reprimido por uma Polícia Polícia, que usava a tortura para fazer valer os ditames do Estado Novo.

25 de abril é o dia em que Portugal disse "sim" à liberdade e disse "não" às grades opressoras do Aljube ao Tarrafal de Peniche a S. Nicolau; de Caxias à Machava.

25 de abril é o dia que deu por finda a política do "orgulhosamente sós" que alimentou um Guerra Colonial, sem sentido, ao longo de mais de treze anos, que isolava Portugal da modernidade europeia, deixando para trás um rasto esmagador de mortos, feridos, estropiados e traumatizados, mergulhando na dor e no luto muitos milhares de famílias deste querido Portugal.



*f. m.*²

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

Teimosamente, a manutenção do império colonial foge à onda de independências que percorrerá todo o Continente Africano, na década de 60, por força da cegueira de um ditador que envia tropas para a guerra “e em força”, condenando um povo ao exílio e à emigração, em busca do trabalho que o pobre País lhe não oferecia.

Felizmente, aconteceu abril! Abril em flor! Aconteceu o golpe militar, de armas silenciosas e floridas! Aconteceu a Revolução dos Cravos!

O 25 de Abril ditará o fim do atabalhado Império, enterrará, de vez, a ditadura e fará renascer a Democracia, neste jardim à beira mar plantado!”

Os Capitães de Abril são, neste dia, os “barões assinalados” deste heroico- feito, ímpar na História dos Povos.

E ... não estiveram sós! Tiveram aliados! Quais? Poetas e cantores resistentes. Eles construíram poemas e canções que foram passando de mão em mão, ciosamente acautelados dos olhos indiscretos e dos dedos enluvados daqueles que policiavam o regime.

Cantados por uns, ditos em recitais clandestinos por outros e memorizados por tantos e tantos, poemas e canções contribuíram, também, a seu modo, para uma autêntica subversão política. Declamados e cantados, essas letras e esses acordes colheram um eco inestimável no coração de quantos sentiam acordar dentro de si uma ideia sensível e um projeto de liberdade e democracia para o seu País!

E esse projeto aconteceu, numa madrugada de abril!... e, quando o sol raiou, um outro aliado se acrescentou à Festa: o Povo, o Povo Unido, o Povo... cantando: Grandôla – Vila Morena, o Povo é quem mais ordena! De coração cheio, alegremente, o Povo dava as boas-vindas á democracia instaurada! Somos filhos dessa radiosa madrugada!

Senhoras e senhores: hoje a esmagadora maioria dos portugueses celebra os 50 anos do 25 de abril! Digo “esmagadora maioria”, sim, pois não obstante a recente atenção mediática dada a certas vozes (e não são só 50!) elas não são maioritárias, da mesma forma que também não são novas, não são de agora.

Existem, como sempre existira; amam o seu “24 de abril”, como sempre amaram; e hoje, andam agradecidos, porque, no contexto democrático, se lhes está a dar palco e atenção, sentindo que lhes estão a ser legitimadas as ortodoxias em que sempre viveram e, hoje, propalam, grosseiramente e em alta voz!

Senhoras e senhores, os 50 anos de abril não são a entrada numa meia idade, não são uma espécie de entrada na curvatura descendente da vida, como acontece em nós. Não! Abril não tem idade!

Não há andropausas, nem menopausas nesta idade de abril, porque os valores que nele vivem, esses sim, são intemporais, são imorredouros!

Valores da liberdade, da democracia, da solidariedade, da igualdade, do respeito pelas diferenças de uns e de outros, da fraternidade, enfim, do direito a ter direitos, fazem o pleno no coração de abril e por todo o sempre!

Celebrar o 25 de abril não é “dar vivas” a mais um feriado do calendário do tempo.

Celebrar o 25 de abril, é lembrar estes valores. Valores que os verdadeiros democratas têm a obrigação moral e cívica de manter bem presentes e vivos nas suas práticas de cidadania.

Saibamos todos nós, os democratas “de consciência”, honrar a nossa história e na nossa vivência cívica e política, mostrar aos “democratas de conveniência” que “não mais voltaremos atrás” e que o seu 24 não cabe no calendário de uma sã democracia.



3

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

25 de abril sempre! Viva o 25 de abril! Celebrar o 25 de abril não é “dar vivas” a mais um feriado do calendário do tempo. Assinado, o deputado municipal João Soares.”

O deputado Acácio Gonçalves, em nome do Grupo Municipal do CDS/PP, entregou o seguinte documento à Mesa: “Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Montalegre, Exma. Senhora Presidente da Câmara Municipal de Montalegre, Exma. Mesa da Assembleia Municipal, Senhores Vereadores, Senhoras Vereadoras, Exmos. Senhores deputados Municipais, Exmas. Entidades Públicas, Cíveis e Militares, Exmo. Público: 25 de abril de 1974, dia da revolução, dia da liberdade, data memorável para a história desta nação que nos libertou das amarras de um Estado novo, reacionário, racista e xenófobo que capitulou com o sofrimento do nosso povo numa guerra no ultramar português que não tinha qualquernexo, refletindo-se em todos os aspetos na nossa conjuntura política, económica, educacional e sanitária.

A minha vivência do dia 25 de abril foi muito superficial, encontrando-me na Guiné-Bissau ao serviço da Pátria, incorporado no exército na campanha de 1972/1974, aguardando embarque de regresso à metrópole que se verificou passados quatro meses, quando iniciaram o regresso paulatinamente dos 90.000 efetivos de todo o ultramar português que cresciam ao meio milhão que tinham o dever cumprido e passaram à disponibilidade já em Portugal a sofrer das mazelas que adquiriram na guerra colonial.

Calcula-se que na guerra no ultramar houve 8830 mortes nas Forças Armadas.

Com o 25 de abril acabou o sofrimento de guerra para os militares e iniciou-se outro pesadelo para os civis repatriados de todos os países africanos de língua oficial portuguesa, incentivada pelo MFA, que terminou em 1976, com o fim do império Português; apesar da designação de retornados evocar o regresso, alguns deles nasceram nas antigas colónias.

Sabe-se que a independência das antigas colónias já tinha começado na Guiné-Bissau com a declaração da independência do PAIGC em 1973 que foi reconhecida internacionalmente, sucedendo-se em 1975 às outras na sequência do 25 de abril de 1974 e por vontade do MFA, terminando assim o fim do império português.

Na noite de 25 de abril de 1974 pouca divulgação oficial chegou à Guiné-Bissau, apenas se ouviam uns “zunzuns” pelos bares e esplanadas dos quartéis em que se aglomeravam os militares falando baixinho acerca de uma revolução que nos traria a liberdade e fim da guerra, o que concretamente pouco se sabia. No dia seguinte ao alvorecer já se ouvia falar alto nos corredores das casernas e a alegria que se sentia era irmã da felicidade, mas não se podia exteriorizar porque a DGS/PIDE ainda estava ativa e eles estavam dentro dos quartéis.

Finalmente a boa notícia chegou ainda nesse dia através da rádio oficial de Bissau (o PIFAS), espalhando por toda a parte que a revolução venceu a liberdade imposta pelo Movimento das Forças Armadas foi reconhecida.

O 25 de abril de 1974 tem contratempos e oportunismos que nem sempre se souberam acautelar, sendo que o principal ator político o Partido Comunista que se valeu da experiência política de Álvaro Cunhal para rumar a uma revolução Socialista apoiada pela União Soviética, havendo uma oposição militar, civil e política em que se notabilizaram: Mário Soares do PS, Sá Carneiro do PPD e Freitas do Amaral e Adelino Amaro da Costa do CDS e que teve o seu fim no 25 de Novembro de 1975 com a entrada em cena do General Ramalho Eanes e outros, mas só em 1980 as eleições



4

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

para a Assembleia da República houve ordem com a vitória da AD (Aliança Democrática) e mais tarde em 1982 acabou a tutela militar do MFA – Conselho da Revolução.

Durante 41 anos vigorou o governo do Estado Novo de Oliveira Salazar que teve o seu fim em 25 de abril de 1974. Foi um governo que paralisou Portugal que não acompanhou o mundo civilizado em que vigoravam as democracias. Salazar impôs um braço de ferro a todos os níveis: desde a liberdade que qualquer ser humano ansiava, à educação, à saúde, à vida social, defesa e justiça.

A vida em Portugal continental, insular e ultramarina decorria a belo prazer do Estado Novo de Salazar que a nível internacional parecia um país normal e democrático, com relações internacionais a todos os níveis, fruto de uma censura interna na comunicação social que escondia ao mundo e a toso o Portugal os horrores de uma injustiça interna em que os valores humanos de qualquer português pouco valiam, valendo-se de uma Polícia de Segurança Interna (PIDE/DGS) com funções delegadas em Sila Pais que atormentavam qualquer ser humano.

Graças ao 25 de abril de 1974 que acabou com o Estado Novo e ao 25 de novembro que aniquilou o PREC incentivado pelo partido Comunista Português e o COPCON apoiado por Otelo Saraiva de Carvalho, e dissolvido em 26 de novembro de 1975 com o General Ramalho Eanes nomeado General Chefe do estado Maior do Exército, eleito Presidente da República segurando-se assim as eleições democráticas para a Assembleia Constituinte em que saiu vitorioso o PS secundarizado pelo PPD e CDS.

Finalmente está em voga os dois notáveis dias da liberdade: 25 de abril de 1974 e 25 de novembro de 1975 que se complementaram um ao outro, se um foi dia da liberdade, o outro foi dia da libertação do jugo Soviético que Álvaro Cunhal e Vasco Gonçalves quiseram impor ao povo português, como Putin quer impor à Ucrânia e outros povos no mundo.

Nunca se devem esquecer Salgueiro Mia, Melo Antunes (descendente da nossa terra Barrosã), Ramalho Eanes, Mário Soares, Freitas do Amaral, Sá Carneiro, Adelino Amaro da Costa (ambos assassinados em desastre de aviação) e outros notáveis que por feitos valorosos se vão da lei morte libertando.

Bem hajam a todos aqueles que partiram e aqueles que ainda cá estão e nos ensinaram o caminho da liberdade e da convivência fraterna. Bem hajam. Assinado, o deputado municipal Acácio Gonçalves.”

Em representação do Partido Social Democrata, o deputado municipal José João Moura entregou o seguinte documento à Mesa: “Exmo. Sr. Presidente da Assembleia, Exma. Sra. Presidente da Câmara, Exmos. Srs. deputados, Exmos. Srs. Vereadores, Exmos. Comandantes dos bombeiros, Exmo. Comandante do Posto de GNR de Montalegre, caro público: hoje comemoramos os 50 anos do 25 de Abril, revolução que libertou o país da ditadura, do atraso, da desigualdade, da Guerra e principalmente do pensamento Único.

É uma data memorável que devemos celebrar e comemorar com grande entusiasmo e alegria, com a certeza de que os direitos e garantias adquiridos com a revolução da Liberdade e mais tarde consagrados na Constituição da República em abril de 76, são aqueles que melhor servem os cidadãos, pois continua a manter uma matriz humanista e progressiva.



5

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

É cada vez mais necessário afirmá-los com enorme convicção e coragem, sem vacilar, nem ter dúvidas da importância dos valores que estão em causa com as conquistas de abril e o que representam na nossa vida, e em que o PSD esteve, está e estará sempre presente de modo a que os princípios não caiam na memória.

É por isso que olhamos para o cinquentenário da revolução dos cravos com a admiração e Gratidão para com as gerações de homens e mulheres que antes e no dia 25 de Abril 74 lutaram para nos libertar do jogo da ditadura, da repressão, do atraso, do isolamento e da miséria. Fazemo-lo não por Nostalgia, mas como um dever cívico de cidadania, conscientes que não há futuro sem memória.

Uma memória que alguns pretendem apagar e outros adulterar para tentarem fazer um acerto de contas com os direitos, liberdades e garantias que abril nos restituiu.

E assim os autarcas eleitos democraticamente pelo PSD agradecem o convite da Sra. Presidente da Câmara para as celebrações do 25 de Abril, e por ironia do destino, cabe-me a mim, um dos filhos da madrugada, em representação do meu partido e com muito orgulho, prestar a devida homenagem. E não queria deixar aqui a oportunidade para falar de duas pessoas que contribuíram para a execução e consolidação da revolução, embora em campos completamente dispares. Em primeiro lugar, sendo filho do primeiro presidente de câmara eleito democraticamente após o 25 de abril, Prof. Carvalho de Moura, o percursor das principais obras e reformas estruturais e estruturantes do concelho, que com a sua simplicidade e honestidade consolidou politicamente a revolução feita anteriormente pelos capitães de abril. Um desses Capitães curiosamente é o pai da mãe dos meus filhos, de seu nome Daniel Ferreira, agora coronel aposentado das transmissões do exercito português, e que relembra uma e outra vez, não deixem morrer a memória do 25 de Abril, pois na triste realidade com que o mundo se confronta, ainda se torna mais oportuno e importante, reafirmar os valores do 25 de Abril de 1974. Duas pessoas, de ideologias políticas diferentes, da mesma geração e que além da coragem demonstrada, têm o mesmo propósito, a defesa da liberdade, da fraternidade, da democracia, da Igualdade e da Justiça Social, facto que eu e os meus filhos, seus netos, se orgulham, por crescermos num ambiente sem medo, livre e cheio de oportunidades para todos, que derrubou rótulos, libertou um povo amordaçado e aprisionado a doutrinas feudais, dum republica que nunca esqueceu os tempos da monarquia, e assim permitiu-nos conectar com o resto do mundo.

O 25 de Abril foi também a revolução que acabou com a guerra colonial, onde os capitães perceberam estar num beco, depois de tantos portugueses terem sido obrigados a ir para a guerra, combatido nela, terem visto companheiros morrerem, perderem a razão. Por isso, esquecer assim o 25 de Abril é um insulto não só à liberdade que hoje vivemos, bem como aos portugueses que por ela deram tudo.

O 25 de Abril também queria acabar com a censura, aquela do lápis azul, que protegia a ditadura, e em que os censores decidiam o que devia ser noticiado ou divulgado, como meio de impedir e limitar as tentativas de subversão e difamação.

E aqui, agora e hoje, para reafirmar esta concessão, estou a proferir palavras de igualdade, sem medo e em perfeita liberdade, resultado da revolução de uns poucos heróis militares, que prepararam e executaram a revolta e que ao realizar um ato de libertação de si mesmos, quiseram libertar Portugal inteiro.

No entanto, neste momento existe um fenómeno com que nos deparamos completamente em contraciclo com o aniversário da revolução, que é o crescimento



6

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

exponencial da extrema direita, o crescimento assustador do populismo, fenómeno que não é exclusivo de Portugal, está a acontecer em toda a Europa, mas não é por isso menos perigoso.

O facto de ser mais ou menos generalizado, não faz com que seja um vírus que se apanha e nos faz perder o foco e eleger populistas.

Este crescimento deve-se em parte ao facto desses populistas saberem capitalizar o descontentamento das pessoas em relação aos problemas que o partido socialista podia e devia ter resolvido e não o fez nestes últimos 8 anos.

Para além de reconhecer a habilidade de transformar descontentamento em votos no populismo, creio que também nós, PSD, temos de refletir e tentar perceber onde falhamos na nossa comunicação, pois a nossa mensagem também não passou.

Essa é uma reflexão muito importante que temos e devemos de fazer e que faremos certamente. Contudo, parece-me que a solução não passa por eleger indivíduos que como os próprios fazem questão de afirmar, têm contas a ajustar com o passado, passado esse que comemora os 50 anos e queremos, isso sim, reafirmar.

Já muito se disse e prestou homenagem e nunca é demais falar do 25 de Abril. O 25 de Abril foi feito por alguns para todos! Por isso é de todos... de todos os que acreditam na liberdade e nos valores da democracia!

Além de cantar a Grândola - vila morena, epíteto da revolução de abril, e que o povo adotou como um segundo hino nacional, é preciso lembrar a austeridade e autocracia de um estado novo, que durante 48 anos obrigou os portugueses a viver dentro de uma estufa, e aproveitar a pergunta retórica e inquisitória de Batista-Bastos e adapta-la aos dias de hoje, nomeadamente às novas gerações, de: onde estavas tu no 25 de Abril? Para: onde estavas tu senão fosse o 25 de Abril? Por isso, Não me obriguem a vir para a rua, gritar, quando nunca a noite foi dormida, quando a raiva nunca foi vencida, quando um homem dorme na valeta, quando dizem que isto é tudo treta, o que faz falta é libertar a malta, o que faz falta, e que Venham mais cinquenta anos de liberdade... Viva Montalegre, viva Barroso, 25 de Abril sempre... assinado, o deputado municipal José João Moura."

Finalizou a sessão a Senhora Presidente da Câmara com o seguinte discurso: " Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal e restantes Membros da Mesa, Senhores, Deputados Municipais, Senhores Vereadores, Caros convidados e comunicação social aqui presentes, Minhas Senhoras e Meus Senhores: "Esta é a madrugada que eu esperava; O dia inicial inteiro e limpo; Onde emergimos da noite e do silêncio; E livres habitamos a substância do tempo" Sophia de Mello Breyner Andresen, in 'O Nome das Coisas'.

Que melhor maneira haveria para iniciar esta intervenção se não com este poema que expressa de forma sublime o significado da Revolução dos Cravos!

Foi esta revolução que nos deu um Estado de Direito, assente nos ideais republicanos e nos princípios de Abril, onde todos são iguais em obrigações e deveres, independentemente do cargo político, posição social ou prestígio de cada um.

E por isso é obrigação de todos honrar o espírito de Abril, a Democracia, a Liberdade.

E por isso a convocação desta assembleia para esta sessão solene foi feita tendo em consciência de que esta é a casa da democracia do nosso concelho. É aqui que estão representados todos os que concorreram às eleições autárquicas e os nossos Municípes entenderam, com o seu voto, que aqui deviam ter lugar.



 7

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

Enquanto eleitos locais, temos a responsabilidade acrescida de defender e relembrar aos mais novos os verdadeiros valores de abril.

E por isso agradeço a todos a presença nesta sessão solene da Assembleia Municipal comemorativa dos 50 anos do 25 de abril, porque isso é um sinal de que nos mantemos firmes na defesa dos seus princípios.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Para todos os democratas, o dia 25 de Abril de 1974 é um dia inigualável a marcar a história contemporânea de Portugal. E por isso, a par de outras datas ímpares do nosso percurso enquanto nação, nenhum outro se lhe compara.

A alegria, que advinha da possibilidade de ser livre, foi sentida por todos quantos, nesse dia, viveram intensamente a vitória da luta antifascista, e que se estendeu a todo o País e às Colónias, ficando para sempre marcado na memória coletiva deste povo, ao tempo, triste, pobre, atrasado.

A grande conquista desse dia foi a Democracia, o direito a escolhermos quem queremos para nos governar, o direito a discordar sem temor, o direito a exigir e o direito a ter e a poder participar do poder democrático autárquico, de proximidade, o qual foi talvez a grande conquista do 25 de Abril.

Mas, 50 anos depois, sabemos fazer um balanço sério, relembrando as expectativas que todos tínhamos e o que foi e não foi concretizado.

Sem Abril, não teríamos um Serviço Nacional de Saúde, dos melhores do mundo, que continua a adaptar-se e a dar resposta às exigências, de forma gratuita e para todos;

Sem Abril, não teríamos uma educação pública de qualidade, universal e gratuita, sendo que todos podem aspirar a ser o que quiserem;

Sem Abril, não teríamos igualdade de direitos entre homens e mulheres, salários mais justos, apoios sociais, pensões de reforma para acautelar a velhice, fim do trabalho infantil.

Sem Abril, continuaria a censura à imprensa, à rádio, à televisão, aos espetáculos;

Sem Abril, haveria sempre a possibilidade das vidas de muitos jovens serem ceifadas em guerras despropositadas e inúteis.

Se tudo isto contribui para a nossa felicidade e qualidade de vida, não podemos deixar de constatar que há ainda objetivos para atingir e matérias que exigem atenção redobrada.

Os riscos económicos e o carácter sistémico que os mesmos têm a nível mundial devem ser tidos em conta, bem como a cada vez maior imprevisibilidade relativamente à escalada de conflitos comerciais e bélicos e respetivas consequências em diferentes dimensões.

E são estas circunstâncias que despoletam o alarmismo que origina os discursos fáceis.

E são os discursos fáceis em tempos difíceis que podem por em perigo todas as conquistas.

Esta história da conquista de direitos, liberdades e garantias, que a revolução de 1974 nos legou, deve sempre nos relembrar do que é exigido a cada um de nós: transmitir este conhecimento aos mais novos para que eles se mobilizem na continuidade da luta por uma sociedade mais digna e justa, defendendo uma sociedade mais nobre na grandeza do pensamento e mais justa na repartição do rendimento.

É preciso continuar a educar para a participação, para os valores ambientais e culturais, para a ética.



8

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

Todos os dias trabalhamos, todos, para o desenvolvimento, lutando pela igualdade de direitos e deveres, por um estado social com maior equidade, por maior prosperidade, solidariedade, liberdade e democracia, por uma maior credibilização enquanto nação e de cidadania.

Saibamos merecer o legado do 25 de abril, que não se torne numa data oca, em memória da dedicação a causas daqueles que o fizeram e em nosso proveito, viva o 25 de Abril sempre, viva Portugal.”

Nada mais havendo a tratar o Senhor Presidente da Assembleia Municipal em exercício deu por encerrada a sessão.


O Presidente da Assembleia

Manuel da Silva Carvalho

O 1º Secretário

Maria de Fátima da Silva Crespo

O 2º Secretário

Maria Júlia da Costa Verde G. Barroso